

UMA AVENTURA NA MATA

MÔNICA FRANÇA



Morot

ISBN: 978-65-00-02219-3



Uma aventura na mata

Mônica França

Morot

Direitos autorais reservados a Mônica França

Publicado por Morot

www.morot.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F814a França, Mônica.
Uma aventura na mata [recurso eletrônico] / Mônica França. –
Ribeirão Pires, SP: Morot, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide web

ISBN 978-65-00-02219-3

1. Ficção brasileira. 2. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD 028.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Esta é uma obra de ficção para o público juvenil e qualquer semelhança com pessoas ou eventos reais é mera coincidência. Boa leitura a todos. 😊

- Diego! Como vai?

- Beleza! E você?

- Ótima! Onde está a Kátia? Vamos nos atrasar.

Eu já estava impaciente. O Diego se atrasara dez minutos e a Kátia já passava de quinze minutos. Um ônibus que ia até o Butantan já havia passado.

- Lá está a Kátia. – Apontou Diego rua acima.

- Muito bom! Veja, o ônibus já está chegando.

Fizemos sinal para a Kátia e ela correu em nossa direção.

Ficamos o dia todo no Instituto Butantan. Vimos répteis, anfíbios, aracnídeos e aprendemos mais sobre eles.

- Você viu a Kátia morrendo de medo da jiboia?

- Você só ficou com medo dos escorpiões, não é Diego? – Retrucou Kátia.

- Claro! Eu já fui picado por um deles lá no sítio. Dói muito. Sorte minha que o veneno dele não era tão tóxico.

- É mesmo, turma. Existe diferença entre os animais peçonhentos e os não peçonhentos.

- Poxa! Lá vem a Monique com sua mania de explicar tudo.

- Você não pensa dessa forma na época das provas.

- Você tem que me alugar por precisar da sua ajuda. – Murmurou Kátia.

- Ah, Kátia... é importante sabermos que os animais são venenosos, mas que nem todos injetam veneno nos homens. – Falou Diego num tom professoral.

- Certo. Eu aprendi tanto quanto vocês. Querem ver?

- Sim! – Dissemos juntos.

- Deixe-me pensar. Sim...

- Fala logo, Kátia. – Apressei.

- Calma, estou pensando. Já sei!

- Então fala.

- Certo, Diego. Vejam só. Prestem atenção. Peçonha é veneno. Algumas espécies de serpentes são venenosas, mas nem todas são peçonhentas. Peçonhentos são animais que podem envenenar o homem.

- Ela aprendeu mesmo! – Zombei cinicamente.

- Para de zoar! Vou terminar minha explicação dizendo que é muito importante sabermos diferenciar os animais peçonhentos dos não peçonhentos para nos defendermos de maneira apropriada.

- Exato. Também é inteligente da nossa parte não matarmos os animais, salvo em situações extremas. – Arrematei.

- Sim, pois assim ajudaremos a manter o equilíbrio da natureza. Finalizou Diego.

Assim, nós costumávamos nos encontrarmos frequentemente para curtirmos nossas férias. Eu, porém, mal imaginava a aventura que me esperava...

Alguns dias depois do passeio ao Butantan o telefone tocou e era o Diego.

- Oi, Monique. Tudo bem?

- Sim. E você?

- Tudo bem. Nós vamos para o sítio este final de semana. Quer ir com a gente? Eu falei com a Kátia e ela vai.

- Claro que sim. Vamos sair quando?

- Amanhã à noite.

- Legal. Acha que nós poderemos acampar?

- Claro. O tempo certamente estará bom.

- Então vou levar a minha barraca e o saco de dormir.

- Beleza! Até amanhã.

- Até amanhã, Diego.

Chegamos no sítio do Diego, em Arujá, quase às duas da manhã. Arrumamos nossas coisas de qualquer jeito e caímos no sono.

Olhei o relógio quando acordei e já era dez da manhã. A casa estava silenciosa.

Fui ao banheiro.

Pensei em brincar com a Kátia, mas ela já estava acordada quando voltei. Mais algumas horas e estávamos nadando na piscina, porém havia uma cachoeira lá perto e eu queria visita-la.

- Di, onde fica a cachoeira que você falou? – Indaguei.

- É meio longe.

- Podíamos ir lá. – Sugeri Kátia.

- Podemos ir amanhã cedo até lá. Hoje eu estou cansado.

- Então, amanhã nós iremos lá.

Decidimos dar uma volta pelo sítio depois do almoço.

- É muito bonito aqui. – Exclamou Kátia.

- Sim. – Concordei.

- Não pensei que vocês gostassem de verde. Pensei que as duas só gostassem de praia e clube.

- Nada! Eu gosto de mato. Adoro acampar.

- Verdade, Monique. Eu vi sua barraca. Você é mochileira. – Riu Kátia.

- Exatamente. Nossa aventura de hoje à noite será um belo acampamento.

- Vai ser muito legal. – Concordou Diego.

A Kátia estava com uma cara do tipo “Eu, acampar?!?”.

- E aí, Kátia? Não está a fim?

- Não sei, Monique. A ideia é muito desconfortável para mim.

- É mesmo. Onde ela vai fazer xixi?

- E sem cama macia para se deitar. – Finalizou Diego.

Tanto zombamos e chateamos que a Kátia decidiu se juntar a nós.

Ainda não havia escurecido quando fomos procurar um bom lugar para acampar. Andamos bastante e escolhemos um lugar fora do sítio, mata adentro.

- Tem certeza de que é seguro?

- Claro, Kátia. Aqui, apesar da mata, é um lugar habitado e estamos perto do sítio do Di. – Argumentei.

- Estas árvores são tão densas e assustadoras.

- Kátia, você está exagerando. Nós estamos a um minuto do sítio. – Diego falou com firmeza.

- Já que vocês estão tão seguros quanto a tudo...

Começamos a arrumar a barraca e preparar a fogueira. A água nós trouxemos conosco por precaução.

- Poxa, Di! Não pensei que você sairia dos limites do sítio.

- Ora, Monique, já dizia o poeta “... Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena...”.

- Entendi...

A Kátia não conseguia ajeitar os gravetos para a fogueira.

- Calma. Vou te mostrar como fazer.

Nós ajeitamos tudo e já era noite quando começamos a comer.

Eu precisava admitir que longe da fogueira tudo parecia assustador. Havia o barulho dos animais, o farfalhar das folhas, vultos e vida da mata. Assim, ao redor do fogo, sob a penumbra, resolvi contar um conto para agitar a noite.

- Atenção, pessoal. Já que estamos aqui e tudo é silêncio... – Parei.

Enquanto eles me olhavam, eu os encarava.

Eles não diziam nada.

Continuei.

- Eu vou contar a vocês a história que eu ouvi da minha bisavó... –
Declarei num tom misterioso.

Silêncio absoluto, quebrado somente por nossas respirações e os ruídos da mata.

A atmosfera ao redor da fogueira era sufocante.

Levantei-me. Peguei uma lanterna que levava comigo, afinal qualquer veterano de acampamento tem a sua.

Iluminei o meu rosto. Depois os rostos deles. Dei uma risada sinistra e iniciei minha história.

- Tudo começou quando minha bisavó era criança. Seus pais a levaram em uma viagem para o México... – Falei vagarosamente.

Eles me olhavam curiosos, porém inseguros.

- Estavam visitando a capital do México, hospedados em um hotel de luxo. Minha bisavó se divertia muito naquele lugar bonito e elegante.

- Papai...

- Sim, minha filha.

- Nós vamos ficar aqui para sempre? – Perguntava minha bisavó.

- Não, querida. Só ficaremos até o papai terminar um serviço.

Fiquei em silêncio por alguns instantes, pois queria aguçar a curiosidade deles.

Ao retomar a narrativa, iluminei meu rosto com a lanterna.

- Era uma linda noite e a pequena família saía para passear. A lua brilhava intensamente no céu estrelado e eles saboreavam uma deliciosa comida típica em um restaurante pitoresco. Repentinamente o dono do lugar começou a expulsar os clientes.

Iluminei os rostos dos meus amigos. Agora chegara a hora da verdade, pensei.

- O que significa isto? – Indagou furioso o pai da minha bisavó.

- Saiam! Vão embora daqui! – Berrava o homem.

- Veja! Minha filha está chorando. – Argumentou o pai.

- Vamos embora. Vai ver o homem está perturbado. – Tentou argumentar a mãe da minha bisavó, que já a consolava.

- Está bem. – Concordou o pai da menina ainda contrariado.

- Quando eles estavam saindo... – Silenciei.

Joguei a luz ofuscante da lanterna no rosto de cada um de nós e os nossos olhares se cruzaram em meio a escuridão da mata.

- O dono do restaurante segurou o braço do pai da menina. Tinha os olhos arregalados, as mãos trêmulas e o rosto banhado em suor.

Calei-me por um instante. Ouvia tão somente nossas respirações e o som da fogueira trepidando. Recomecei.

- Saiam! Vão direto para casa! Não parem por nada! – Falava num tom profético.

- Ao dizer suas advertências, o homem largou o braço do outro e saiu correndo restaurante adentro.

Nesse momento ouvimos um barulho. Tentamos descobrir o que era, mas foi em vão. Voltamos a nos sentar.

Ninguém dizia nada, então...

- Os três caminhavam pela cidade, mas algo estava errado. Havia um silêncio sepulcral. A lua não aparecia mais e a noite estava nevoenta e fria. O pai da minha bisavó a agasalhou com sua blusa e decidiu que seria melhor seguir o conselho do dono do restaurante. Eles tomaram o caminho de volta ao hotel. – Fiz uma pequena pausa.

- Ainda a caminho do hotel uma ventania os pegou. Folhas de árvores e toda sorte de lixo eram arremessados de um lado para o outro. Então, um

pequeno tornado começou a se formar e acima dele uma nuvem negra e ameaçadora se agigantava. Um trovão fez um enorme estrondo e um raio rasgou o céu velozmente, iluminando tudo. Os três estavam paralisados diante daquilo, como se estivessem hipnotizados. De repente...- Observei meus amigos com a lanterna.

Os olhos deles estavam arregalados, porém continuavam curiosos e olhavam atentamente para mim.

Voltei a lanterna para o meu próprio rosto.

- Uma voz ecoou do centro do tornado; era fantasmagórica, paranormal, muito assustadora. “Quem destruiu a minha terra? Onde estão as minhas árvores? Quem destruiu toda a natureza?” – A voz clamava entre raios e trovões que rasgavam os céus. Os três não sabiam o que fazer. Minha bisavó nem tinha coragem para chorar, apenas observava amedrontada tudo aquilo. Novamente um trovão ensurdecedor rompeu o silêncio que se fizera alguns segundos antes. E... – Parei e me levantei.

A noite estava quente e a lua brilhava intensamente.

Andei em volta da fogueira, sentando-me entre a Kátia e o Diego.

O fogo trepidava suas chamas vermelhas.

Tomei cada um deles em meus braços e recomecei.

- “A natureza quer vingança! Eu sou o espírito que vai cumprir o desejo da Mãe.”. – Clamava e bradava poderosamente. Uma tempestade terrível se armava e a escuridão tomara conta da cidade. Não se via ninguém além dos três. – Apertava meus amigos contra mim.

Somente os sons da mata eram ouvidos durante minhas pausas.

- A minha bisavó queria correr dali, mas seus pais pareciam em estado de choque. Enquanto ela pensava no que fazer, a tempestade começou. Uma onda tsunâmica se formou e ia devorando tudo à sua frente. Minha bisavó gritou ao perceber a onda vindo em sua direção.

Diante daquela cena Kátia soltou um grito.

- Poxa, Kátia. Não me assuste assim.

- Deixa para lá. O que aconteceu com a sua bisavó? – Perguntou Diego.

- Ela não sabia o que fazer. Não queria correr e deixar seus pais e tentou tirá-los daquele choque. Ela os chamou e os sacudiu, pulou neles, mas nada adiantou. A onda se aproximava e ela estava desesperada. Ao ver aquela onda gigantesca se aproximando ela correu como nunca na vida. Ela nem sabia que corria tanto. Espiou atrás de si e viu que seus pais haviam sido atingidos. Correndo e chorando, chorando e correndo ela... – Arregalei meus olhos e apertei mais forte meus amigos.

- Ela estacou e resolveu esperar pelo seu fim. Assim, quando a onda estava prestes a devora-la, falou bem forte: “Se eu pudesse mudar tudo isso eu lutaria pela natureza e preservaria o ambiente ao meu redor.”. Minha bisavó pensou que estas seriam suas últimas palavras, mas surpreendeu-se quando se viu no quarto do hotel... Tudo parecia tranquilo. Seus pais estavam adormecidos na cama. Na manhã seguinte, ela contou aos seus pais o que acontecera. Eles riram e falaram para ela parar de contar estórias. Enfim, o tempo passou e eles iam voltar ao Brasil. Dentro do avião, minha bisavó ouviu uma voz aterradora dizer: “Não deixe de proteger a natureza! Caso contrário, o espírito vingará a Mãe...”

Levantei de um salto e peguei minha lanterna. Iluminei um por um de nós e bradei:

- O que nós estamos fazendo pela natureza? Quais são nossas escolhas diárias? O espírito vingará a Mãe?

- Sua bisavó era ambientalista, não?

- Você acha que ela foi influenciada por quem? Ela cumpriu o dever dela. E nós, Diego?

Desliguei a lanterna. A Kátia nem falava. Fui para a barraca.

- Boa noite! – Despedi-me num tom macabro.

Alguns minutos depois, os dois já estavam na barraca.

Uma luz brilhava lá fora.

- Vocês apagaram a fogueira? – Perguntei.

- Está louca? Um animal pode nos atacar. – Argumentou Kátia.

- Eu tentei convencê-la, mas ela não me ouviu.

- Ora, Kátia. Só porque você tem medo de que algum “leão” venha devora-la, não pode incendiar a mata.

O Diego caiu na gargalhada comigo.

- Vocês só sabem rir de mim. Eu tenho medo mesmo, e daí?

- Tudo bem ter medo. Você só precisa saber de que ter medo. – Falei.

- Como assim? Não entendi.

- Onde vivem os leões? – Perguntou Diego.

- Nas matas. – Respondeu convictamente Kátia.

Caímos na gargalhada e falamos juntos.

- É na África, Kátia.

- Relaxa! Há mais chances de você virar carvão deixando a fogueira acesa do que jantar de qualquer animal. – Argui, já saindo da barraca para apagar a fogueira.

Olhei ao redor. A luz que eu vira através da barraca não era da fogueira. Meu coração bateu descompassadamente, já que a luz que brilhava intensamente e nos alcançava vinha da mata.

- Turma! Diego, Kátia venham até aqui.

- Qual é? – Reclamou Diego lá dentro.

- Venham logo!

Eles saíram da barraca resmungando e ficaram assustado com aquela luz estranha.

- Você não tem nada a ver com isso, não? – Indagou Kátia.

- Claro que não. O que será isso?

- Poderá ser algum incêndio. – Sugeriu Diego.

- Será? – Divagou Kátia.

A luz ficava mais intensa a cada instante. Se fosse um incêndio todos estávamos perdidos.

- Se a mata estiver pegando fogo teremos que avisar a todos. – Diego disse afobadamente.

- Diego, caso não seja um incêndio? – Perguntei.

- Não sei...

- Cadê a Kátia? – Perguntou Diego.

- É mesmo. Onde ela está?

A Kátia estava na barraca arrumando as coisas dela calma e tranquilamente de um jeito quase sinistro. Até cantarolava uma cantiga de roda.

- Kátia?

- Sim, Monique?

- Está tudo bem?

- Claro! Obrigada.

Saí e fui falar com o Diego.

- Di, é melhor ficarmos de olho na Kátia. Ela está diferente, nem parece ela.

Contei para ele o ocorrido e ele concordou que deveríamos vigiá-la. Afinal, o ambiente estava muito estranho mesmo.

Ficamos sentados por alguns minutos, enquanto Kátia ainda permanecia na barraca. Observamos que não havia nada além da luz.

- Mô, não deveria haver fumaça no ar?

- É mesmo, Diego! Sabe, desde que eu vi essa luz tive um mau pressentimento.

Enquanto estávamos dispersos em nossos pensamentos, Kátia deu o ar da sua presença.

- E aí, pessoal. Vão ficar só olhando?

- O que você quer dizer? – Perguntei.

- Arrumem suas coisas que vamos partir, pois uma grande aventura nos espera. – Disse indo em direção a escuridão da mata.

Diego e eu não tivemos tempo de preparar mochilas e apetrechos. Eu corri até a barraca e agarrei minha mochila, que por sorte estava arrumada, e saí correndo.

- Vem, Diego!

- Calma. Eu não peguei nada!

- Eu tenho tudo aqui. Vem logo! Ela já deve estar longe. – Falei já de dentro da mata.

Diego correu e me alcançou. Eu não ia muito rápido, pois tentava observar pistas deixadas por Kátia pelo caminho. Misteriosamente, a luz era tão intensa quanto o sol do meio dia.

- O que será isso? – Indagou Diego.

- Não faço a menor ideia. A única coisa que sei é jamais ter ouvido falar de algo parecido.

Continuamos em silêncio por vários minutos. Era uma situação extremamente obscura, já que nos encontrávamos no meio do mato com uma luz altamente luminosa, cuja fonte desconhecíamos, e a nossa amiga estava desaparecida.

Sentei-me em um toco de árvore.

- O que foi?

- Eu perdi os sinais da Kátia. Não sei aonde ela está e nem onde nós estamos.

- Ao menos está bem claro por aqui.

Acabei rindo da observação do Diego, pois no fundo ele tinha razão.

Ficamos quietos por alguns instantes e ouvimos um som que parecia uma voz humana.

- Ei, está ouvindo isso? – Sussurrei.

- Sim.

Andávamos o mais silenciosamente possível pela mata. Continuávamos ouvindo aquele som, mas não o identificávamos.

Conforme íamos andando, mais a mata se adensava. As árvores se tornavam enormes, o chão mais cheio de folhas e a luz se intensificava. Estávamos ofegantes. Nossos corações palpitavam aceleradamente. Até que...

- Monique! Monique! – Berrava Diego.

Virei-me para brigar com ele, mas não o vi.

- Onde você está?

- Aqui em cima.

- Aqui em cima? Aonde?

- Na árvore, acima da sua cabeça.

Ele estava preso numa espécie de armadilha. O que significava aquilo? Seria tráfico de animais? Seriam os moradores tentando capturar algum predador de animais domésticos?

A árvore era imensa. O que eu poderia fazer?

- Calma, Diego. Eu vou tirá-lo daí.

Tentava imaginar como fazer tal coisa, quando Diego disse:

- Rápido! Tem uns homens estranhos vindo para cá.

- Melhor. Talvez eles possam nos ajudar.

- Pela maneira como estão vestidos eu acho que não são amigáveis.

Abri minha mochila. Eu tinha uma atiradeira, parecia um estilingue. Nós as usamos para abater aves quando a comida do acampamento acaba.

- Escuta, achei minha atiradeira. Eu vou atirar meu canivete até você com ela. Corte a corda da armadilha enquanto eu faço um monte de folhas para você cair em cima.

- A ideia não me parece muito boa, mas é a única.

Atirei o canivete para ele.

- Pegou?

- Peguei.

- Ótimo. Cuidado para não o perder, pois podemos precisar dele novamente.

- Certo!

Eu ia juntando as folhas embaixo do Diego rapidamente. Ainda bem que eu tinha experiência com acampamentos e sabia do material básico necessário. Atiradeiras, bússolas, facas ou canivetes, cantis, lanternas, tudo muito básico em um acampamento.

Ouvi as vozes dos homens que se aproximavam. Realmente eles pareciam estranhos.

- Rápido, Diego! Eles estão se aproximando.

- Eu sei. Estou quase terminando.

Joguei mais um pouco de folhas no monte, que estava bem alto. Não evitaria o impacto, mas ajudaria a minimizá-lo.

As vozes se aproximavam rapidamente. Eu começava a me sentir amedrontada. Andava de um lado para o outro quando decidi procurar um abrigo.

Encontrei uma árvore oca que nos abrigaria muito bem, considerando as circunstâncias. Estava um pouco afastada da armadilha, o que era bom. Ouvi um baque forte de algo que caíra e corri até o Diego.

- Você está bem?

- Um pouco dolorido, mas a sua cama de folhas ajudou bastante. Toma o seu canivete.

- Rápido. Venha!

Corri com ele até a árvore e foi por pouco que os homens não nos pegaram.

Eles eram caçadores e conversaram sobre o dinheiro que ganhariam abatendo a onça pintada para vender a pele dela, pois era muito valiosa no mercado. Se fosse uma fêmea e tivesse filhotes, eles os procurariam para vender para o circo. Diziam que esses felinos eram muito bem cotados em todo mercado.

De repente, eles pararam a conversa e começaram a averiguar o local. Descobriram que a armadilha falhara e a presa fugira. Estranharam que não havia pegadas de animais por perto. Deduziram que poderia ter algum problema na corda e refizeram a armadilha.

Quando eles se foram, muito tempo havia se passado.

Decidimos sair e continuar nossa busca pela Kátia. Quem sabe, ela estivesse em uma dessas armadilhas.

- Diego! Tem uma aranha enorme no seu pescoço.

- Tira esse bicho de mim. – Falou apavorado.

- Espera um pouco, deixe-me ver.

Era apenas uma caranguejeira.

- Calma! É uma caranguejeira, só precisamos tomar cuidado com os pelos. Pronto.

Tranquilamente a retirei com um galho e a depusitei no solo. Rapidamente ela se esgueirou entre as folhas e continuou seu caminho.

- Ainda bem que era uma caranguejeira. Poderia ter sido uma armadeira.

- Sim, Diego. Ainda que fosse uma armadeira, bastava ter calma e não a amedrontar.

- Você fala assim porque não era em você que a aranha estava.

- Tudo bem, pode ser. – Concordei.

Estávamos cansados, sujos e com fome. Enquanto andávamos na mata a luz parecia esvaír-se.

A penumbra e as sombras dominavam o ambiente.

Os sons noturnos da mata eram ritmados e aterradores. O vento que sibilava ao longe e sacudia a copa das árvores; os anfíbios que cantavam disputando as fêmeas; alguns animais que rastejavam entre a vegetação morta no solo e outros que pulavam nos galhos. Insetos não faltavam para nos picar, subir em nossas pernas e explorar nossas mãos quando encostávamos em algum tronco ou mesmo numa folha.

Eu ia andando um pouco a frente e Diego me seguia cuidadosamente. Parei abruptamente.

- O que foi?

- Vou pegar minha lanterna. Alguma coisa está pegando carona no meu pé.

Não sabia o que era, mas certamente não era um cachorrinho ou mesmo um gatinho. Quando iluminei meu carona, quase congelei. Era uma jararaca.

- O que é isso? Deixa-me ver. – Diego falou já se aproximando.

A cobra ergueu-se um pouco ao perceber o Diego.

- Para! – Ordenei.

- Mas...

- Eu estou com uma jararaca no meu pé e você a deixou bem acordada.

- O que nós vamos fazer?

- Você eu não sei, mas eu vou esperar bem quieta ela decidir ir embora.

- Você não vai tentar matá-la ou afugentá-la?

- Não. Não há como eu matá-la sem que ela me morda. Afugentá-la também é impossível. Se ela for esperta não irá desperdiçar seu precioso veneno com algo que não possa ser uma presa.

- Verdade. As cobras só picam para predação ou para se defender. Se você ficar calma, ela certamente irá embora.

Ficamos esperando até que a cobra decidisse partir. Ela sentiu meu cheiro com a língua e analisou o meu tamanho através do calor do meu corpo várias vezes. Ela se arrastava pelas minhas pernas até os joelhos; serpenteou entre

meus pés e algumas vezes parecia que iria me picar. Passados alguns minutos, percebeu que eu era muito grande, mas não representava ameaça alguma e decidiu partir.

- Ufa! Ainda bem que ela se foi.

- Como que aquela cobra foi parar no seu pé?

- Acho que nossos caminhos se cruzaram. Eu senti quando ela subiu no meu pé, por isso parei tão rápido. Certamente, se eu não tivesse percebido a chegada dela eu estaria perdida.

- Você teve uma tremenda sorte! Ainda bem que você ficou calma.

Calma? Mal sabia ele que eu estava paralisada de medo, por isso não conseguia me mexer. Até parece que eu iria aguentar tanto tempo uma cobra me investigando.

Enfim, após uma breve pausa, continuamos nossa empreitada rumo à mata. Resolvi usar a lanterna, uma vez que a luz já não era tão intensa.

- Poxa! Estou muito cansado. Onde será que nós estamos?

- Não sei, vou olhar a bússola. – Procurei na mochila.

- E aí? Encontrou?

- Não. Acho que eu não trouxe.

- Nós poderíamos nos orientar pelos pontos cardeais. – Sugeriu Diego.

- Isso, boa ideia.

- Monique?

- Sim?

- Acho que não teremos sucesso por causa daquela luz e de toda essa mata densa. – Ponderou.

- Verdade. A mata é muito densa e os raios solares demoram para penetrá-la. E aquela luz pode nos atrapalhar, apesar dela estar bem fraca agora.

Íamos caminhando lentamente. A lanterna iluminava pouco, pois a pilha já estava enfraquecendo. Logo ela começaria a falhar e apagaria de vez.

- Que barulho é este?
- Qual barulho? – Indaguei.
- Esse som semelhante a água corrente.

Apurei o ouvido e consegui escutar. Parecia uma nascente.

- Vamos procurar. – Sugeri Diego.

Fomos em direção ao som, o qual ficava cada vez mais forte e distinto entre outros sons. Conseguimos encontrar.

Era uma nascente muito bonita, de água cristalina e fria. Aproveitamos para tomar um pouco e lavar o rosto. Enchi o cantil que estava vazio dentro da mochila.

- Cara, a lanterna pifou.
- O que vamos fazer?
- Podíamos esperar amanhecer. Seria mais fácil continuar.
- Certamente. E a Kátia, Monique?
- Não sei. Será que ela está bem? Algum caçador pode tê-la pegado ou mesmo algum animal.
- Nós vamos desistir?
- Claro que não. Só não sabemos para onde ir.

Estávamos descansando e esperando o sol nascer, quando ouvimos uma voz cantarolando uma cantiga. No mesmo instante, a luz voltou a brilhar com tamanha intensidade que fomos obrigados a cobrir nossos olhos com os braços.

- Essa voz não é a da Kátia?
- Sim, Diego. E esta não é a mesma luz de antes?
- Certamente.
- O que está acontecendo? É tudo tão sinistro.
- Com certeza, mas acho que deveríamos aproveitar a luz e seguir a voz da Kátia.

Concordei com um gesto de cabeça, já que nossos olhos estavam novamente acostumados com a luz. Assim, partimos rumo ao desconhecido mais uma vez.

A mata parecia menos densa e isso me intrigava muito. O que significava tudo aquilo? A luz, a mata, os caçadores, a Kátia? Fazia horas que estávamos andando e não chegávamos a lugar nenhum. O que realmente nos esperava adiante? Solucionaríamos este mistério? Encontraríamos a Kátia ou nos perderíamos tentando?

Enquanto divagava em meus pensamentos, Diego se afastou.

- Diego! Diego! – Gritei no meio da mata.

Não ouvia resposta, somente o forte farfalhar das folhas arbóreas ao melodioso toque do vento.

Corri desesperadamente o quanto pude pela mata.

Tinha que encontrá-los!

Encostei em uma árvore para tomar fôlego e olhei a minha volta para ver se encontrava sinais da passagem deles por ali. Não encontrei nada. De repente, ouvi um rugido.

Rapidamente me escondi entre as árvores e fiquei observando atentamente.

Era uma suçuarana correndo velozmente. Ouvi uns tiros abruptos e a suçuarana tombou. Tive vontade de correr até ela, mas os caçadores chegaram antes.

- Pensei que fosse uma pintada. Essa aí não vale tanto. – Falou batendo com os pés no animal.

- Mesmo assim vale alguma coisa. Vamos leva-la.

Eles discutiram mais algum tempo sobre o destino do felino. Por fim, decidiram leva-la para vender a pele e a carne. Um deles examinou o animal e fez um corte em seu ventre.

- Você está louco? – Gritou o outro.

- Veja!

No chão, ao lado da suçuarana, havia dois filhotes. Estavam perto de nascer, pois estavam formados.

- Você vai mata-los?

- Não. Deixe-os para que sirvam de comida a algum animal. Para nós seriam apenas pesos extras sem valor.

Quando eles se afastaram, eu fui até os filhotes. Era tarde demais, eles apenas agonizavam. Segurei-os em meu colo para que tivessem algum conforto e carinho em suas curtas vidas. A essa altura eu quase havia me esquecido do Diego e da Kátia.

Retomei o meu caminho com pesar. Enquanto andava, ouvi uma canção doce e acalentadora. Atentei para perceber a direção do canto. Vinha de dentro da mata, bem do meio dela. Ia caminhando vagarosamente para o centro da mata. A luz ia ficando mais tênue, mas eu não me importava. A canção era muito encantadora e a voz, sublime.

Repentinamente tudo se alterou. Nuvens negras se formaram e uma forte tempestade começou a cair. Procurei abrigo em uma árvore, porém o vento estava muito forte e eu não me arrisquei a subir. Fiquei apenas escorada junto ao tronco.

A tempestade parou misteriosamente, como se uma torneira tivesse sido fechada. A luz brilhou novamente. Olhei ao redor e tudo estava encharcado. Não ouvia mais a canção de outrora. Suspirei. Decidi continuar a andar, ficar parada não ia ajudar em nada mesmo.

Caminhava cuidadosamente pelo solo escorregadio, atenta a qualquer ruído ou som. Não adiantava procurar sinais de meus amigos depois de toda aquela chuva. Escutei um som que parecia passos. Esgueirei-me através das árvores, mas não me afastei muito para ver o que seria aquilo. Poderiam ser os caçadores, meus amigos, outra suçuarana talvez. Naquele chão molhado, os sons podiam enganar. Fiquei observando e quase surtei de alegria ao constatar que era o Diego.

- Diego! – Chamei entusiasmada.

Ele me olhou e correu em minha direção.

- Você está viva! Pensei que estivesse morta depois que ouvi aqueles tiros.

- Você ouviu os tiros?

- Sim. Pensei que os caçadores tivessem pegado você. Eles quase me pegaram. Precisei correr feito louco para despistá-los.

- Então, deve ter sido por isso que nos separamos. Os tiros foram dados para abater uma suçuarana.

Contei toda a história para ele.

Ele ficou doido com tudo aquilo, indignado de fato. Disse que denunciaria tudo às autoridades assim que saíssemos daquela mata.

- Concordo com você, mas por enquanto devemos continuar nossa busca pela Kátia.

- Sim, vamos!

Continuamos nossa jornada cheia de surpresas.

Nós andávamos com cautela para evitar armadilhas, caçadores e animais. A mata estava silenciosa, muito silenciosa. Não havia vento, animais ou qualquer outro tipo de ruído. Diego e eu escutávamos nossas respirações e a batida dos nossos corações. Pé ante pé, seguíamos naquela mata que pouco a pouco nos envolvia em sua rotina.

O solo ainda estava muito molhado devido à tempestade e nossos pés afundavam na lama que se formara. Minhas pernas estavam mais pesadas do que nunca e andar exigia um esforço imenso. Estava prestes a desistir quando a voz que eu ouvira voltou a cantar.

- Está ouvindo, Diego?

- A canção?

- Sim, acho que deveríamos seguir essa voz.

- Claro... Não temos outra escolha, temos?

Ele me acompanhou a contragosto, pois estava bastante contrariado.

A voz ainda soava doce, mas a canção era triste. Não era a mesma canção de antes. Parecia que a mata ou a voz queria nos dizer algo. Eu já não sabia mais o que pensar sobre o que acontecia conosco. Não entendia como a Kátia, tão

medrosa, entrara na mata daquela forma. Não compreendia como Diego e eu nos separamos e nos encontramos novamente sem nenhuma lógica. Qual a razão de todo este mistério? Seria o espírito da Mãe querendo vingança? Será que sairemos vivos dessa mata?

De repente...

- Monique! Que prazer revê-la. Venha, quero te mostrar algo.

Fiquei perplexa. Quem acabara de falar comigo era a Kátia. Nem ao menos consegui responder ao que ela perguntou, mas a segui prontamente mata adentro.

A luz estava mais concentrada e iluminava menos entre as árvores. A Kátia caminhava pela mata com mestria. Como ela conseguia? Eu estava exausta e ela tinha toda a energia do mundo. E fazia toda aquela ginástica sorrindo. Sorrindo? Como ela sorria se detestava natureza rústica? Não gostava sequer de acampar. Quando olhei adiante, após desatolar meu pé, não gostei do que descobri.

- Kátia? Kátia? Cadê você?

Chamei em vão várias vezes até perceber que o Diego também não estava comigo. Claro, ela falou apenas comigo. Fiquei sozinha de novo!

Suspirei longamente. Senti um calafrio na alma e quase paralisei de medo. A mata me envolvia em sua atmosfera, o clima esfriara, o ar estava gélido. Desabei e permaneci encolhida perto de uma árvore. Abracei minhas pernas tentando me aquecer.

Lentamente fui relaxando e adormeci.

Um estrondo me despertou.

Parecia que uma árvore enorme havia caído. Arregalei meus olhos, esfreguei-os. Não podia acreditar no que estava vendo! Toda mata ao redor estava devastada. Não sobrara muita coisa, somente folhagens e arbustos. Levantei-me e andei no meio daquela tragédia. O silêncio mórbido que dominava o ambiente era insuportável. Não havia som de nenhum animal.

As árvores foram cortadas e havia somente tocos em toda parte. O solo apresentava sinais de queimada e tudo era muito triste de se ver. A mata de outrora exuberante não passava, agora, de um cenário triste e melancólico.

Quem era responsável por tudo aquilo? Como isso acontecera tão repentinamente? Enquanto indagava sobre toda a situação, ouvi um barulho semelhante a pessoas e máquinas. Não hesitei e fui em direção aos sons que ouvira.

Era difícil caminhar na mata agora. Se eu não fosse cuidadosa tropeçava constantemente em tocos e galhos que estavam pelo chão. O solo era escorregadio devido às queimadas e ao devastamento. Eu caminhava olhando por onde pisava, como se estivesse fazendo uma trilha pela primeira vez. Analisava tudo com cautela, pois poderia haver armadilhas para animais. O que eu vi, contudo, foi pior...

Após alguns minutos de percurso deparei-me com um lugar onde estavam muitos animais. Havia cobras, lagartos, suçuaranas, aves e macacos. Todos enjaulados em cubículos onde mal podiam se mexer. Junto estava um acampamento. Parecia que não havia ninguém naquele momento. Escondi-me entre os montes de caixas empilhadas e esperei para ver se acontecia algo. Não havia nenhum movimento e tudo estava calmo e silencioso.

Decidi que devia fazer algo pelos animais. Respirei profundamente e enchi minha alma de coragem. Caminhei lentamente até os animais e minhas passadas eram leves como o andar de um felino. Analisava cada detalhe como uma raposa. Cheirava o ar feito uma cobra. Estava incorporada por todo espírito da natureza. Cada célula do meu corpo se envolvia na nobre causa do salvamento.

Estava próxima das jaulas quando ouvi vozes. Os animais ficaram agitados. Pulavam e andavam de um lado para o outro em suas prisões. As aves se debatiam violentamente contra as grades. As suçuaranas rugiam. Era uma completa balburdia. As vozes se aproximavam gradativamente, então me escondi novamente.

Eram os caçadores. Tentei conta-los e, caso todos estivessem ali, eram cinco. Estavam felizes, pois haviam pegado algo muito importante. Algo que os ameaçava.

Fiquei curiosa para saber do que se tratava. Todos os meus sentidos se concentravam em espiar aqueles caçadores e descobrir sobre o que falavam. Eles estavam radiantes. Qual seria o motivo?

Eu estava totalmente focada nos caçadores, quando, de repente, uma mão tocou meu ombro. Um frio percorreu minha espinha. Milhares de pensamentos invadiram minha mente. Em um momento de reflexo e senso de sobrevivência virei-me e dei o maior soco que eu podia em quem havia me tocado. A pessoa caiu no chão e eu pensei que era mais forte do que imaginava.

Já ia correr desesperadamente quando olhei para o meu oponente. Para minha surpresa e arrependimento era o Diego. Ajudei-o a se levantar.

- Onde você estava?

- Não importa! Por que você fez isso comigo?

- Desculpe. Pensei que fosse um dos caçadores.

- Que caçadores?

- Vou te mostrar.

Mostrei ao Diego o acampamento e todos os animais. Ele estava com uma cara de interrogação, não fazia a menor ideia do que eu estava falando.

Continuei contando tudo para ele. Detalhadamente descrevi o que eu vira e ele não acreditava em mim. Ficamos em silêncio por alguns instantes. Os caçadores estavam agitados. Dois deles se retiraram do grupo, pois iam buscar alguma coisa. O que seria?

- Vamos embora!

- Calma, Diego. Deixe-me ver os que os caçadores estão aprontando. – Repliquei.

- Você está maluca. Eu estava te procurando por toda a mata. Pensei que estivesse morta ou perdida. Andei atrás de você feito louco. Agora, você fica inventando histórias. Toda essa confusão está te perturbando.

Ele que estava perturbado; disse que não via nada, que não sabia de nada. Até o que ele me contara anteriormente disse que era mentira, que não vira nada, nem ouvira coisa alguma. Aquilo estava muito estranho. Somente eu permanecia sã naquele grupo?

Deixei o Diego para lá e continuei minha espionagem. Depois de algum tempo os caçadores voltaram com uma jaula enorme coberta. Ela balançava

bastante e o que quer que estivesse dentro dela era bem forte. Eles deixaram a jaula coberta.

Diego queria ir embora e eu afirmei que ficaria até soltar os animais e ver o que tinha naquela jaula coberta. Ele disse que continuaria sem mim. Falei para ele fazer o que quisesse e assim que me virei para vê-lo, ele já havia partido.

Notei que o ar estava gélido, pois uma garoa fina persistia em cair. Diego sumira bruscamente, assim como aparecera. Será que o que ele dissera era verdade? O que era realidade e o que era ilusão em toda essa história? Sei apenas que tudo era muito assustador e misterioso.

Convenci-me que deveria seguir meu coração e fazer o que eu acreditava ser o certo. Então, fiquei esperando um momento para invadir o acampamento e realizar meu plano. A luz enigmática, a mudança comportamental de Kátia, a atitude estranha de Diego, a mata outrora densa e agora devastada, os animais, os caçadores, o clima, o tempo que parecia irreal. Qual a realidade daquilo tudo? Seria um sonho, um devaneio causado por má digestão? Por fim, eles partiram e o acampamento era todo meu.

Vagarosamente entrei no lugar e pé ante pé caminhei naquele santuário da dor. Meu coração palpitava num misto de medo e alegria. Aproximei-me das jaulas, pois realizaria um grande resgate.

Jaula por jaula, abri todos os fechos. Alguns animais estavam feridos, outros doentes e alguns quase mortos. Cuidei dos feridos e acompanhei os agonizantes. Quanto aos doentes, levei-os o mais longe possível. Não imagino quanto tempo se passara, sei apenas que repeti esses procedimentos inúmeras vezes. A exaustão quase me dominara, quando vi a jaula coberta e a curiosidade reacendeu minha energia.

Fui me aproximando daquela prisão imensa. Cuidadosamente levantei a ponta do pano que a cobria. Espiei um animal deitado tranquilamente e, então, com o máximo de cautela retirei o pano da jaula. Meus olhos fitaram alegremente o belo animal que ali estava.

Reparei que era uma fêmea e pensei que podia ter filhotes. Era belíssima, distinta e elegante. Tinha um ar de nobreza e imponência que a tornavam singular. Ficamos nos contemplando por alguns instantes, ela continuava deitada e eu em pé em frente a ela; apenas algumas barras nos separavam do encontro certo.

Olhei ao redor e reparei que todos os animais que eu havia soltado estavam lá me observando, como se esperassem pelo último prisioneiro. Vi que era hora de libertar aquela maravilhosa onça-pintada.

Assim, abri o fecho da jaula lentamente, posicionando-me de forma a abrir a porta e deixar o caminho livre para a onça. Ela saiu calmamente, como se deixasse para trás uma sessão de tratamento de beleza. Era dona de si e não temia nada. Caminhava soberbamente em direção a mata.

Quando estava a alguns metros de distância, perto da mata, ela se virou para mim. Deu um rugido firme e forte, também doce e calmo, e correu para a mata ou o que sobrara dela. Os outros animais a acompanharam e eu fiquei feliz e satisfeita. Refletia sobre minhas ações quando me ocorreu que eu deveria sair dali.

Rapidamente caminhei rumo ao que sobrara das árvores, em direção oposta à dos caçadores. Andei o mais depressa possível, pois o ambiente estava frio e escuro. Cansada e sonolenta, encontrei o oco de uma árvore e entrei nele; adormeci rapidamente. Ao despertar, fiquei chocada...

Eu estava encostada em uma árvore. Como isso acontecera? Eu havia adormecido em um oco de uma árvore.

Espantosamente o sol brilhava e a mata estava seca com tudo parecendo normal. Quanto tempo nós estávamos nessa situação? Que dia da semana seria? Estariam nos procurando? Levantei-me e sai andando para algum lugar.

Aparentemente eu andava há horas e não estava cansada ou faminta. Era como se uma energia maior me sustentasse. Lembrei dos meus amigos. Onde eles estariam?

Um ronco assustador rompeu a normalidade do dia. Olhei para o alto e não vi nada. Certamente não era tempestade. Repetiu-se mais algumas vezes até haver o som de uma árvore caindo. Uma lágrima correu pelo meu rosto para cada árvore derrubada, enquanto o ritual se perpetuava excessivamente. Não consegui ficar parada e fui confirmar o que eu já sabia.

Andei pouco para encontrar os assassinos madeireiros e a cena que encontrei era desoladora. Havia serras elétricas, machados, escavadeiras... Era um desastre ambiental. Já não bastavam os caçadores! Centenas de árvores estavam empilhadas em um canto, outras centenas seriam derrubadas.

O que eu poderia fazer? Aquilo tinha que parar.

Observava atentamente quando uma árvore caiu na minha direção. Pude ver o rosto de um deles e era parecido com um dos caçadores, mas eles estavam em direções opostas. Continuei olhando. Como aqueles homens podiam ser parecidos? Eu já estava confusa. Aquele homem era uma máquina de destruição. Seus olhos flamejavam ódio e ele tinha prazer em tirar toda a vida da mata.

De repente eu escorreguei e caí perto dele. Pensei que fosse meu fim, pois ele tiraria minha vida como a de uma minhoca. Inacreditavelmente ele continuou seu trabalho, como se não tivesse me notado caída aos seus pés. Não pensei muito nisso e aproveitei a chance para sair correndo.

Não fui muito longe, porque o fato dele não ter me notado me deixou curiosa. Voltei para o lugar da madeireira. Esbugalhei tanto meus olhos, que eles quase saltaram das órbitas.

O lugar que antes estava repleto de máquinas, trabalhadores, madeira e árvores para todos os lados era, agora, um reduto de mata virgem. Assustadoramente nada acontecera, a mata permanecia intacta como em seus primórdios. Sentei-me.

Refleti por vários minutos, talvez horas, sei lá. Imaginei-me totalmente maluca mesmo; talvez estivesse sonhando. Belisquei-me várias vezes e se tudo não passava de um sonho eu não queria acordar. Estava faminta. Procurei alguma comida em minha mochila e encontrei chocolate. Devorei-o como se minha sanidade dependesse disso.

Fiquei mais disposta e saí cantarolando para aliviar a tensão. Afinal, de nada adiantava ficar parada no meio do nada, ou da mata, ou o que quer que fosse.

Um rugido ecoou pelo lugar e parecia a onça-pintada que eu conhecia. Subi em uma árvore; ela se aproximou e eu fiquei contemplando.

A bela fera cheirou o ar como se procurasse algo, dando algumas voltas em torno da árvore onde eu me escondia. Eu já suava frio quando ela se agarrou ao tronco da árvore. Foi subindo lentamente até me encontrar com o focinho, cujo nariz frio pude sentir em minha pele. Ela me cheirou várias vezes e começou a me focinhar como se quisesse algo.

Demorou para eu perceber que ela queria que eu a seguisse. Desci da árvore cautelosamente e me aproximei da onça. Fiquei ao lado dela e ela se esfregou em mim até quase me derrubar. Ela se abaixou de modo a sugerir que eu subisse em seu dorso. Acariciei-a e me sentei nela calmamente e, assim que eu a montei, ela saiu correndo através da mata.

A fera corria tão rápido quanto uma flecha recém lançada; subia e descia por caminhos que eu sequer imaginava que existiam. Eu me agarrava ao seu dorso o mais fortemente possível. Passamos por lugares belíssimos, rios, riachos, cachoeiras... Repentinamente fechei meus olhos, pois a luz intensa que parecia ter-se apagado brilhou como nunca brilhara antes. Não sei por quanto tempo fiquei de olhos fechados, mas quando consegui abri-los estávamos em uma clareira.

Era um lugar paradisíaco! Havia um pequeno riacho de água calma e cristalina que o atravessava, árvores frutíferas, aves cantarolando, pequenos animais de todo tipo. Peixes coloridos nadavam tranquilamente, subindo de tempos em tempos à superfície para respirarem ou abocanharem algum inseto desprevenido.

Absorta em meus pensamentos, observava os peixes, quando ouvi uma doce voz cantando. Virei-me e embaixo de uma enorme palmeira estava uma mulher. Eu deveria ter medo, contudo, sua voz era tão calma, gentil e suave que eu caminhei até ela. Então, enquanto eu andava, a luz que havia se atenuado voltou a brilhar fortemente. Esfreguei meus olhos; a luz era intensa, quente, aconchegante... A mulher parou de cantar e eu estaquei. Ela me encarou e estendeu a mão alva convidativamente em minha direção.

- Venha, minha criança.

Sua voz era tão melodiosa que me enfeitiçou. Em minha mente eu temia por mim e pelos meus amigos. Questionava sobre tudo o que acontecera, todavia caminhava até ela. Estendi minha mão para tocar a dela; nossos dedos se roçaram levemente em um toque tão gélido que me despertou do devaneio. Puxei minha mão bruscamente e antes mesmo de me recompor, a luz transmutara em trevas e uma aterradora tempestade se iniciou.

O vento agitava com furor as copas das árvores e a água era fria e cortante como uma navalha. Encontrei abrigo e esperei a tempestade acabar.

Não sei o que está acontecendo. Seria um sonho louco, um pesadelo? Uma experiência paranormal? Uma premonição sobre o fim do planeta? Onde estavam meus amigos?

- Cadê meus amigos? – Berrei na escuridão.

Tive a impressão de que aquela tempestade não pararia nunca, mas me enganei. Resolvi que iria embora! Não sabia o que fazer nem qual era o significado de tudo aquilo. Talvez o Diego e a Kátia já estivessem no acampamento. Fui andando pela mata molhada e escorregadia e após muitas quedas eu me sentei para descansar.

A canção voltara a ecoar entre as árvores, bem como a luz iluminava o caminho novamente. Questionava-me se mais alguma coisa me surpreenderia quando a onça apareceu atrás de mim. Senti sua respiração com seu bafo quente em meu cangote. Para o meu espanto ela estava acompanhada.

Não cria em meus olhos. O Diego e a Kátia seguiam a onça. O que era aquilo?

- Venha, Monique.

- Venha! Não tema, minha amiga. – Finalizou Kátia.

Eles tinham uma voz pastosa, embriagada, sem vida. Acho que eles estavam hipnotizados e não eram exatamente quem falava comigo. Olhei em volta e a onça se lambia asseadamente e meus amigos tinham seus olhos estranhamente perdidos, vagos, oblíquos. Imaginei que se entrasse nesse jogo talvez pudesse nos salvar.

Levantei-me.

- Você vem conosco, Monique?

- Claro, Kátia.

- Ótimo! – Concordou Diego.

Fomos caminhando e a onça nos seguiu como um vigia. Durante o percurso, avistei belas paisagens, rios cristalinos, mata densa e vistosa. Havia palmeiras, orquídeas, samambaias, bromélias, mata ciliar que recobria a margem dos rios, trepadeiras. Enfim, toda sorte de plantas e animais. Pude observar um lindo colibri se alimentando, uma aranha em sua toca na bromélia e alguns

buracos de cobra. Musgos e líquens também recobriam árvores e solo, assim como fungos.

A mata era repleta de vida em abundância. Em seu seio palpitava o coração da natureza. Animais e plantas, água e terra, fogo e ar conviviam em perfeita harmonia. Respeitavam-se mutuamente.

Uma suçuarana se juntou a nós e eu passei a me sentir parte integrante da paisagem maravilhosamente natural.

Meus amigos apressaram o passo e eu os acompanhei. Passado algum tempo, chegamos ao nosso destino.

Não pude acreditar! Estávamos na clareira de onde eu saíra.

Dessa vez, bem no centro, pude notar uma espécie de cristal brilhante, do tamanho de uma bola de tênis. Kátia e Diego se aproximaram do cristal e disseram umas palavras que eu não entendi. O cristal emitiu uma luz cegante e concentrada em direção ao céu.

A luz se expandiu iluminando a mata e um ser descia através dela. Pisquei freneticamente meus olhos. Pude ver a mulher da qual eu fugira descendo através da luz. Era um alienígena? Existia uma nave espacial em algum lugar que eu não enxergava? Fomos todos abduzidos?

Meus amigos se ajoelharam diante dela e eu não imaginava o que fazer.

A mulher me estendeu a mão novamente e dessa vez não disse nada, apenas me olhou.

Minha alma congelou em meu interior... Olhei no fundo dos olhos da criatura; havia um enigma em seu olhar, uma chama envolta em uma névoa escura. O que seria aquilo? Minha curiosidade falou mais alto que o medo, então eu estendi minha mão para ela. Era o mesmo toque gelado de antes, mas dessa vez eu não reagi. Senti como se um veneno entrasse em mim, percorrendo meu corpo lentamente. Um estado de sonolência me dominou, no entanto não adormeci.

A mulher colocou suas mãos em minha cabeça. Queria gritar e sair correndo, mas eu estava letárgica. Repentinamente uma praia se formara ao meu redor e eu tinha areia aos meus pés. Ao olhar para o mar vi as Caravelas de Pedro Álvares Cabral, quando elas se aproximavam da orla, eu me escondi.

Navegadores e homens do mar de toda sorte invadiram a praia. Numa descrição da terra do novo continente a natureza prevalecia absoluta. O povo que habitava a bela terra vivia em harmonia com ela. Assim era o Brasil antes da colonização, com natureza abundante e exuberante; flora e fauna diversas. Os nativos conviviam com a natureza respeitosamente e eu caminhava pesarosamente pela praia à luz do luar.

Meu coração acelerou quando vi a invasão dos brancos destruindo a mata. Com facões eles abriam caminho destruindo as plantas. Não respeitavam nada nem ninguém. Como se eu pulasse no tempo e espaço fui adentrando a mata. Eu era a espectadora do progresso humano. Encontrei dois homens conversando a respeito da árvore que encontram.

- Sim, esse é o pau-brasil.

Poxa! Eles estavam falando sobre o pau-brasil. A extração do pau-brasil praticamente o levou a extinção.

- Sei, é aquela árvore que produz uma tinta vermelha em seu tronco.

- Exato. Por isso se chama pau-brasil. Você quer ir até o acampamento?

- Claro!

Eles foram para o tal acampamento e eu os segui, mas precisava ficar escondida.

No acampamento havia pau-brasil por todo lado e uma grande área já estava devastada. Eles transportavam as árvores para praia e as embarcavam rumo à Portugal e à Europa. O pigmento ou tinta que ela produzia em seu tronco era utilizado para tingir tecidos.

Enquanto adentrava na mata, cuidando para não ser vista por ninguém, vi muita fumaça. Não resisti e corri em direção a ela. Agachei-me a um canto e visualizei uns vultos no meio de toda fumaça escura e sufocante. Os vultos caminhavam tranquilamente e eu pude ouvir a conversa deles.

- Agora estamos preparando a terra para o plantio.

- Sim. Esta monocultura rende muito dinheiro.

Monocultura? Sobre o que eles falavam? Não conseguia me lembrar de nenhuma monocultura. Cultivo de uma única planta? Qual planta? Continuei

observando; a fumaça começava a se dissipar. Eu queria saber o que estava acontecendo, então me aproximei o máximo possível. Estava tentando ver alguma coisa quando chamas de fogo me alcançaram. Eram como mil línguas famintas e devastadoras que desejavam ardentemente me devorar.

O fogo é um elemento muito interessante, pois apesar de destruir tudo que se coloca em seu caminho, quando contido é um grande aliado. A humanidade não alcançaria o progresso e evoluiria sem o domínio do fogo. Nós usamos o fogo para quê? No início para cozinhar, para nos aquecermos e para espantar animais, depois para destruir. Sim, destruir! Destruir a mata como aqueles homens faziam.

Ouvi um barulho estranho. O que seria? Parecia algo estalando no ar, uma espécie de chicote. Fiquei atenta para descobrir o local de onde vinha o som. Ao identificar de onde vinha o estalido, caminhei em sua direção. Arregalei meus olhos espantada e indignada ante a cena revoltante que eu testemunhava. Um homem espancava outro homem que estava amarrado a um tronco; aquilo era escravidão. Olhei mais adiante e vi o engenho e, assim, minha mente clareou. A monocultura sobre a qual ouvi a conversa era de cana-de-açúcar.

Claro! Durante muito tempo o Brasil foi um grande exportador de cana-de-açúcar; fazendo queimadas e consumindo o solo na cultura de um único produto.

Subitamente a cena a minha volta se alterou. Gaiolas com pássaros estavam empilhadas por todo lado. Havia aves coloridas de todo tipo e pequenos e delicados beija-flores. Esses animais eram a moda na Europa para enfeitar chapéus. Morriam nas mãos dos homens, deixando de colorir, enfeitar e agraciar a natureza com seus cantos. Árvores não eram mais polinizadas pelos pássaros e sementes não encontravam a mesma dispersão para a renovadora germinação.

Estava imersa em meus pensamentos quando um bando de pessoas armadas apareceu. Escondi-me.

- Temos que entrar nesta mata!

- Sim. Vamos desbravá-la. Veja! Meu facão está tão afiado que eu apenas encosto nestas plantas e elas caem.

- Estamos formando uma trilha no meio desta mata e reconhecendo a terra para o nosso país.

- Somos heróis.

Aqueles homens se achavam heróis. Que tipo de heróis? Daqueles armados que matam a natureza? Eles somente iam caminhando mata adentro anotando o que viam e matando também. Um forte terremoto sacudiu tudo. O que meus olhos incrédulos enxergavam?

Do centro da terra brotavam edifícios, casas, indústrias. Um aglomerado de concreto, cimento e massa se formava. Milhares de pessoas se apertando em coletivos lotados, elevadores cheios, trânsito caótico. Não acredito que saí do meio da natureza para o caos da cidade.

Árvores isoladas e solitárias fazem parte do cenário. A natureza antes exuberante e bela perdera para o progresso. Qual progresso? O progresso da poluição, do lixo, da urbanização mal administrada. Fumaça para todo lado, buzinas irritantes no lugar do canto dos pássaros. Amontoados de concreto tomaram o lugar das planícies e montes. Rios foram engolidos pelas rodovias cinzentas.

“Eu vi tudo acontecendo! A cada momento a humanidade crescendo. Que humanidade? Sou testemunha da destruição do homem que agora clama salvação.” Essa era a canção que eu ouvia. A Voz que eu já conhecia, suave e triste. Meus olhos se encheram de lágrimas. Uma nova sensação de sonolência me invadira o corpo.

Bocejei e mal terminara o bocejo estava de volta na clareira onde tudo era calma e silêncio. Não havia mais ninguém comigo. Kátia, Diego, a mulher e os animais não estavam mais na clareira. O que tinha acontecido? Eu não entendia nada. Caminhei até o riacho e não acreditei. Estava seco!

Meus olhos percorreram o lugar. As árvores estavam morrendo e alguns animais mortos pelo chão já cheiravam mal. Vi o cristal no meio da clareira, peguei-o e saí daquele lugar. Caminhava pela mata até tropeçar em algo. Estranho... Era algo muito duro, diferente das outras coisas que eu já conhecia. Reparei nas folhas caídas e as retirei do lugar. Surpreendentemente encontrei uma estrada de ferro, ou seja, trilhos de trem. Estavam muito velhos e provavelmente não eram mais usados. Resolvi seguir pela estrada de ferro.

Um barulho diferente e ritmado rompeu a quietude que se estabelecera há algum tempo. Quase desfaleci quando identifiquei o som de um apito de trem daqueles bem antigo. A fumaça da máquina à vapor já se denunciava no

horizonte. Tentei correr, mas meu pé ficara preso nos trilhos. Ideia infeliz de seguir pelos trilhos! Parece que nunca viu um filme de aventura que acaba mal nos trilhos de um trem. Não conseguia me livrar daquela situação letal e aceitei que aquele seria o meu fim. Fechei os olhos para aliviar a tensão e quando os abri o trem havia passado por mim e seus trilho desapareceram gradativamente com em uma trilha de dominós derrubados.

Senti minha mão esquentar e quando a olhei, o cristal que se aconchegava nela estava brilhando. Seria o cristal meu salvador? Onde estavam todos neste momento? Sentei-me um pouco para me refazer do susto. O cristal já diminuía seu brilho e não passava de uma centelha de luz quase insignificante. Eu tinha dificuldade em diferenciar o real do irreal, pois tudo parecia tão vivo e realista que eu achava que estava em uma dimensão paralela ou coisa parecida. Cenas começavam e terminavam em minha mente como um filme em flashback.

Não faria mais nada! Deite-me no chão e olhei para o céu de um azul límpido e maravilhoso. Sentia-me bem naquele momento. As aves cantavam, o ar era agradável e tudo estava em sintonia. Uma brisa começou e nuvens passaram a se aglomerar no céu, formando um véu branco. Fiquei atenta, pois poderia chover.

Para minha surpresa um raio rasgou o céu e águas turbulentas passaram a agir. Ia correr para um abrigo, mas aquilo não era tempestade. Ondas gigantes se formavam no firmamento e se debatiam em uma luta de titãs. Estava hipnotizada por aquele fenômeno. Quais seriam as consequências de algo como aquilo? De onde vinha toda aquela água? Continuei assistindo ao espetáculo da Mãe Natureza.

As águas estavam cada vez mais turbulentas e ferozes. De uma luta em alto mar, as águas se uniram e passaram a devorar a terra. Ondas gigantescas invadiam as cidades e as engoliam. Eram línguas carrascas que executavam a derradeira sentença da humanidade. Pessoas corriam desesperadamente em vão; animais e vegetação também eram tragados para o mar. Sobrou apenas um pouco de terra firme e muita água ao redor. O mundo era uma piscina imensa e transbordante. As águas estavam plácidas e cristalinas. Um redemoinho rasgou as calmas cenas celestiais e novo raio riscou eletrizantemente o céu.

A calma voltou a reinar e tudo retornou ao que era antes. As cidades continuaram em seus lugares, com suas rotinas inalteradas. Somente nuvens fumacentas e poluídas eram vistas, contudo os termômetros de todas as cidades

do planeta mostravam temperaturas inacreditáveis. A temperatura mais baixa era 45°C e ninguém conseguia usar roupas compridas. Até nos escritórios mais exigentes podia usar bermuda.

Eu me lembro o que isso significa, são resultados do aquecimento global. Nossas indústrias, agronegócios, carros e toda queima de combustível fóssil aumentou a temperatura do planeta. Nossa poluição gradativa e constante realizou nosso maior feito: a destruição do mundo.

O que faremos sem um planeta? Para onde iremos? Se houver vida em outros planetas, será que aceitarão seres tão destrutivos quanto nós? Minhas indagações foram interrompidas por uma chuva verdadeira. Fixei os olhos no céu e nada mais havia além de nuvens carregadas. Acho que estou delirando. Escondi-me numa árvore oca.

Assistia a chuva cair quando percebi que as árvores estavam sendo consumidas, enquanto o solo era corroído. Deus! Era chuva ácida. Olhei para a árvore que me abrigava e um buraco se abria nela, logo acima da minha cabeça. Não pensei muito e saí correndo o mais rápido que podia. O solo estava pesado e escorregadio, mas eu não poderia cair. Avistei um lugar claro, cuja chuva não consumia. Esforcei-me ao máximo para chegar até lá. Partes da minha roupa já estavam corroídas e havia queimaduras em minha pele.

Alcansei o reduto da minha salvação. Era a clareira!

Já tinha esquecido o cristal quando ele passou a brilhar em minha mão e instintivamente o coloquei no centro da clareira. Sua luz se intensificou e invadiu todo o ambiente. Naturalmente a chuva parou, as nuvens se dissiparam e o sol brilhava majestosamente no céu. Novamente eu não entendia nada.

Deixei a clareira para ver o que tinha acontecido com o restante da mata, mas voltei rapidamente. Não havia mais mata, somente um solo arenoso e sem vida. Lancei um olhar preocupado em direção a clareira e fui até o riacho beber água e encontrei somente um leito ainda mais seco que minha garganta. A própria clareira não tinha mais do que algumas árvores doentes e agonizantes.

Enquanto imaginava o que fazer para seguir em frente, ouvi uma melodia ecoar no ar. Eu já estava cansada daquele vai e vem de cenas e acontecimentos que eu não compreendia. Saí correndo rumo ao desconhecido e ao avistar uma colina fui até ela.

Com muita dificuldade a escalei, pois não havia nenhuma vegetação ou qualquer outra coisa que facilitasse um pouco a tarefa. Já resfolegava ao atingir o cume. Olhei para baixo e me espantei. Via somente ruínas de cidades e alguns sobreviventes que se escondiam nas sombras do que um dia foram. Eram como animais assustados. Disputavam qualquer coisa que se pudesse comer: insetos, carniça, restos de alimentos industrializados. Tudo era podridão e desolação. A gloriosa raça humana decretara o seu fim através da ganância cega e incoerente.

De forma impetuosa desci a colina para falar com aquelas criaturas quase humanas. Fui atacada por elas.

Aqueles seres quase humanos me levaram a uma espécie de templo. Houve uma regressão do conhecimento e da ciência, pois naquela nova terra somente a sobrevivência importava. Adaptados a falta de higiene e alimentação adequada eles eram diferentes. Eu quase não conseguia respirar, porque o ar era denso e fétido. Era como viver em uma caverna de morcegos. O cheiro de enxofre e a umidade eram insuportáveis para mim. Como aqueles humanos sobreviviam? Eles eram humanos ou apenas os sobreviventes de uma espécie destinada ao fim? Destruindo a natureza e alterando o planeta nós traçamos o plano da nossa extinção.

A atmosfera da nova terra não era a mesma. A temperatura era mais quente e o clima muito úmido. Não existiam os animais grandiosos e evoluídos de outrora. Não se via vegetação em lugar nenhum, somente um planeta que não podia sustentar a vida que conhecíamos. Devido à nova atmosfera eu estava sufocando, lentamente perdi a consciência e desmaiei ao som irreconhecível daqueles que um dia foram homens e mulheres.

Despertei calmamente e o imediato pensamento que me ocorreu foi “O que é isso? Cadê os seres estranhos que me aprisionaram?” Estreitei o olhar e percebi que estava na minha barraca. A Kátia e o Diego dormiam profundamente. Deitei novamente a cabeça no travesseiro e uma coisa dura me machucou. Levantei o travesseiro e vi o cristal. Peguei-o.

Cuidadosamente saí da barraca. A fogueira estava apagada e a mata continuava como antes. Não havia luz nenhuma brilhando no meio dela. Tudo estava sereno e normal. Fixei o olhar no cristal. Ele era lindo, mas não emitia luz alguma.

Sentei-me perto dos restos da fogueira, já que não conseguiria mais dormir. Fiquei olhando o céu e as estrelas que brilhavam intensamente fora da cidade de São Paulo. Pensei em cada detalhe daquilo que sonhara ou vivenciara, sei lá. Lembrei da minha bisavó e do fato de que eu nunca acreditara na história dela. Sempre achei uma grande invenção dela para justificar sua luta em favor da natureza.

O que aconteceu comigo era um aviso? As mulheres da minha família estavam destinadas a receber mensagens de salvação da natureza?

Fitava o horizonte.

Estava amanhecendo e raios vermelhos cortavam as alturas formando um tapete vermelho-alaranjado. O sol despontava adiante e as aves começavam a cantar. Toda a mata acordava para viver mais um dia. Quantos dias ela viveria até o seu fim?

A própria mata que eu observava neste exato minuto já fora mais densa e exuberante. O lugar onde repousa a minha barraca foi mata no passado. A cidade toma seu lugar como posseira e rios, riachos, lagos, cachoeiras e nascentes são poluídos quando descobertos.

Fitei o cristal mais uma vez. Rememorei a aventura que tive. O fim da humanidade seria a sua derrocada moral? Seria a adaptação do animal que se autodestrói a cada dia a uma realidade criada por si mesmo? Efeito estufa, aquecimento global, chuva ácida, desmatamento, tráfico de animais, poluição, urbanização, desenvolvimento da agricultura e pecuária, industrialização, tudo contribui para a mudança do planeta.

A ganância humana escravizando a natureza, sujeitando-a. Até quando? É preciso mudar o rumo do nosso progresso. Não podemos continuar a fazer as mesmas coisas e do mesmo jeito. A água vai acabar, o solo ficará estéril, os animais desaparecerão. Foi isso o que a natureza me mostrou? A minha interpretação está correta?

Muita área verde já foi destruída. Os ciclos econômicos foram motivadores de mudanças consideráveis no relevo, geografia e natureza do mundo. Era dos metais, das monoculturas, da industrialização modificaram a natureza e o comportamento humano. Nossa falta de lucidez e nosso consumismo contribuem para piorar ainda mais o quadro existente. O que fazer? Como mudar a realidade a minha volta?

Estava refletindo sobre tudo que acontecera quando o Diego acordou.

- Oi, Monique. Está fazendo o que?

- Estou somente vendo o sol nascer.

- A Kátia ainda está dormindo. Nós podíamos aprontar alguma coisa com ela.

- O que poderíamos fazer? – Perguntei a ele.

Pensamos por alguns instantes. De repente ouvimos um barulho vindo da mata seguido por um grito.

- A Kátia. – Corri para a barraca.

Ela não estava lá e outro grito ecoou agudamente.

Entramos na mata e chamamos pela Kátia. Estávamos nervosos quando ouvimos risadas saindo de um arbusto. Fiz sinal para o Diego. Cada um de nós foi por um lado do arbusto.

- AAAAAHHHHHH!!!! Vocês me assustaram. – Berrou Kátia.

- Está certo. Você não nos assustou nem um pouco. – Falei.

- Sobre o que você está falando?

- Não era você quem estava gritando e depois rindo atrás do arbusto? – Perguntou Diego.

- Não...

Nós três nos entreolhamos. Estava tudo silencioso e assustadoramente quieto.

- É melhor nós arrumarmos a barraca e irmos embora. – Sugeri.

Arrumamos as coisas o mais rápido possível e a mata continuava excessivamente quieta. Nenhum grito, som, ruído ou qualquer tipo de barulho. Pensava que um silêncio tão absoluto era muito aterrorizante e incomum. O vento, as árvores, os animais, nada fazia barulho.

Assim que terminamos de arrumar as coisas voltamos para o sítio do Di. Olhei mais uma vez para a mata antes de irmos embora de lá. Não pude deixar de notar uma suave melodia sussurrando mata adentro.

O cristal estava guardado em minha mochila, pois não sabia se contava aos meus amigos o que acontecera. O que me intrigava bastante era o fato de que várias coisas aconteceram e o tempo não passara da mesma forma. Teria tudo acontecido numa noite? Foi apenas um sonho ou a comida me fizera mal?

Chegamos no sítio e uma farta mesa matinal nos esperava. A vida estava normal novamente. Conversamos sobre muitos assuntos enquanto saciávamos nossa fome. Eu, contudo, continuava pensando na mata. Meus pensamentos giravam dentro da minha cabeça a uma velocidade estonteante. Logo depois do café da manhã fomos ver televisão, já que voltaríamos para São Paulo à tarde. Eu ainda não decidira se contaria para elas sobre aquela aventura paranormal.

As horas demoravam a passar. Fui até o quarto onde estava minha mochila e peguei o cristal. Conversaria com Kátia e Diego sobre a aventura na mata.

- Oi, turma. Olha só isso aqui. – Mostrei o Cristal.

- Uau! Muito legal. Onde você conseguiu? – Perguntou Diego.

- Vocês não lembram?

- Lembrar o quê? – Indagou Kátia.

- A luz, a mulher, os devastamentos, os caçadores, os ciclos econômicos, a onça-pintada, a suçuarana. Vocês estavam lá.

- Do que você está falando?

- Kátia, você foi a primeira a ir para a mata.

- Não sei de nada disso.

- É mesmo. O que você está inventando? – Ironizou Diego.

Resolvi contar um pouco para eles. Quem sabe a memória deles voltaria.

- Tudo começou quando uma estranha luz brilhou dentro da mata. Enquanto Diego e eu discutíamos sobre o que era aquilo e o que fazer, você, Kátia, entrou alegremente na mata.

- Como? Eu não gosto de mato nem nada disso.

- Foi exatamente o que nós dissemos. Sem alternativa, entramos na mata para te procurar.

- Foi o que nós fizemos? Eu não me lembro de nada disso. – Afirmou Diego.

- Bem, já que vocês não se lembram não adianta eu falar mais nada.

- Calma. Você pode continuar falando. Talvez a gente lembre de alguma coisa.

- Tudo bem. Quando nós fomos atrás da Kátia não precisávamos de lanterna porque uma luz forte iluminava toda a mata. Daí o Diego caiu numa armadilha.

- Armadilha?

- Sim, Diego. Você caiu numa armadilha para aprisionar animais selvagens. Você me avisou dos caçadores. Após isso nós nos separamos, depois nos reencontramos. A Kátia também apareceu, mas parecia enfeitiçada, em uma espécie de transe. Havia caçadores, madeireiros, traficantes de animais. A luz brilhava e apagava aleatoriamente. De repente o Diego deixou de acreditar em mim, disse que o que ele falara antes era mentira e desapareceu. Fiquei sozinha. Após algum tempo vocês me encontraram e disseram para segui-los. A onça-pintada acompanhava vocês. Estão vendo este cristal? – Mostrei novamente a eles.

- Sim. – Responderam uníssono.

- A luz vinha dele. Vocês fizeram uma reverência e disseram umas palavras estranhas com as mãos postas sobre ele. Assim, a luz refletiu até o céu e uma mulher desceu através dela.

- Eu não me lembro de nada! – Afirmou Kátia.

Diego concordou com a cabeça.

- Tudo bem. Eu fiquei sozinha mesmo. A mulher colocou as mãos dela na minha cabeça e eu revivi ao vivo os ciclos econômicos que motivaram a devastação da natureza. Enfim, tive uma visão do futuro da humanidade e

quando imaginei que seria o meu fim, acordei na barraca. Detalhe: o cristal estava embaixo do meu travesseiro.

- Essa história é muito louca. Não foi um sonho? – Sugeriu Diego.

- O cristal. Como ele está com ela? – Perguntou Kátia.

- Olha turma, eu não entendi nada. Vocês podem acreditar no que eu contei ou não. A verdade é que eu não enxergo mais as coisas do mesmo jeito. Se isso foi um sonho ou uma viagem psicológica das mais doidas a minha visão de mundo se alterou.

- O que você pretende fazer? – Questionou Diego.

- Ainda não sei...

Guardei o cristal.

Alguns minutos depois estávamos na estrada. Ficamos quietos durante toda viagem de volta. Acho que cada um de nós fazia a sua interpretação da história. Se estória ou história eu não parava de pensar em tudo aquilo.

Em casa, pesquisei o cristal que tinha em mãos. Não obtive muitas respostas e guardei-o no fundo de uma mala antiga.

As aulas começaram e a vida retornou sua rotina. Contudo, as aulas de biologia se tornaram muito mais interessantes.

Palestras ecológicas, educação ambiental, ambientalismo, reflorestamento e despoluição fazem parte da minha vida. Árvores plantadas, animais resgatados, conscientização.

Acampei muitas vezes depois, mas nunca mais voltei a ser chamada pela natureza...

Obrigada por lerem. 😊